

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE NOVEMBRO DE 1913

N.º 356

ASSUMPTOS ARTISTICOS

Exposição de aguarellas de João Cabral



TERRA ALTA—Arredores de Coimbra

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de novembro de 1913

O erudito escriptor que é, incontestavelmente, o sr. Julio Dantas, está deliciando os leitores da «Capital» com a publicação, em folhetins, de alguns episodios da nossa historia subordinados ao titulo de *Patria Portuguesa*. São factos diversos do Portugal velho que o notavel dramaturgo vae resuscitando, dando-lhe todo o colorido e sentimento que não podiam deixar de resultar da sua linguagem elegante e rendilhada posta ao serviço d'uma investigação conscienciosa e patriótica.

Para mim, que pelo passado tenho a mais apaixonada das admirações, que por elle sinto uma especie de saudade, como se tivesse vivido em tempos tão distantes e pudesse ter chegado até aos nossos dias, os folhetins do sr. Julio Dantas estão constituindo um verdadeiro encanto, que eu considero tambem como um bello serviço prestado á geração presente, porque assim tem occasião de apreciar que a patria portugueza vale muito mais pelo que já se passou do que pelo que se está passando, não devendo nunca esquecer-se, no meio de todas as esperanças d'um melhor futuro, aquelle culto pelos nossos antepassados sem a existencia do qual não ha nacionalidades que possam viver nem afirmar-se brilhantemente.

O illustre escriptor publicou já quatro episodios: — *Dom Cardal*, *O senhor do Paul de Boquilobo*, *Os tres alferes* e *o Rei-Saudade*, sendo este o que a meu ver tem maior valor educativo.

Nos outros tres são as qualidade pessoas dos seus respectivos heroes que constituem o fundo do quadro; no *Rei-Saudade*, porém, apparece-nos em toda a sua grandeza, n'um conjunto de energias, de abnegação e de patriotismo, a alma do velho Portugal, tal como ella foi, tão guerreira e tão heroica, tão sublime e altiva que ainda hoje, e apesar de tudo, é quem espalha sobre este paiz a esperança, que a todos anima, de que voltarão melhores dias e com elles novos triumphos, uma nova epoca de glorias.

No *Rei-Saudade* descreve-se aquelle historico episodio das côrtes de Leiria, convocadas por El-Rei D. Duarte para se decidir ou a entrega de Ceuta e a libertação do infante D. Fernando, o *infante santo*, que em Marrocos tinha ficado em refens a seguir á desastrosa jornada de Tanger, ou então o eterno captivo, a morte do irmão do rei no meio das maiores torturas e insultos e, por consequente, a conservação d'aquella praça africana dentro dos dominios portuguezes.

Esse episodio é uma das mais bellas lições de patriotismo que a nossa historia, tão fertil em factos da mesma ordem, nos apresenta.

Tudo quanto se passou n'essas côrtes de Leiria constitue motivo bastante de admiração e exemplo digno de ser imitado, desde o gesto do rei que, conforme diz o sr. Julio Dantas, podia «*pela força do seu proprio poder mandar entregar Ceuta*» mas que sabendo que esta praça «*não era apenas seu senhorio e propriedade; fóra conquistada com muito ouro, muito sangue e muitas lagrimas do povo...*» entendeu dever sujeitar á deliberação dos Tres Estados um assumpto em que ia envolvida a liberdade e a vida de seu proprio irmão, até ao voto d'essa magna assembleia onde a nobreza, o clero e o povo disseram ao monarcha:

— Guardae Ceuta! Guardae Ceuta, senhor rei!

Houve até quem extranhasse, quem censurasse, a simples lembrança de *comprar vida com honra*, isto é, o pensamento de D. Duarte, decerto o seu desejo, aliaz comprehensivel por ser humano, de que as côrtes votassem a entrega de Ceuta e a libertação do infante.

Mas não, desde os proprios irmãos de D. Duarte, irmãos tambem do captivo infante, até aos membros do alto clero, desde os membros da nobreza valente e arrogante d'esses tempos até aos modestos procuradores das cidades e villas, todos votaram pelo sacrificio de D. Fernando e pela conservação na posse de Portugal da importante praça africana. Sangrou o coração do rei, verteram lagrimas os olhos do povo a quem tanto soffrimento não podia deixar indifferente, mas tudo foi posto de parte e só a gloria da patria portugueza inspirou a resolução dos seus mais legitimos representantes.

Bello e sublime exemplo — repito.

Meditem n'elle os que se interessam pelo futuro do paiz e talvez encontrem a chave do enigma, que é ao mesmo tempo o segredo da passada grandeza de Portugal.

Reparem na constituição d'essas assembleias, onde tinham assento os mais authenticos representantes do povo vestindo os seus trajos modestos mas ganhos honradamente. Reparem tambem, e em especial, no desassombro com que todos fallavam perante o rei, sem receio de castigo, sem temor de vinganças, sem humilhações nem baixezas.

Vejam que bellas lições de civismo, de patriotismo, nos dão os nossos antepassados, que magnifica comprehensão da verdadeira liberdade elles tinham, e digam-me se realmente não foi essa a pedra fundamental do grandioso edificio de todas as nossas glorias.

Comparem esse passado com o presente e digam-me se as monarchias, quando bem comprehendidas, são inimigas da liberdade, se esta é incompativel com aquellas ou se a verdadeira educação civica, a que ensina a amar a patria e a respeitar as suas tradições, é privilegio das republicas ou invenção do nosso tempo.

Comparem, por exemplo, as côrtes de Leiria com os parlamentos modernos do nosso paiz, ou seja o actual da republica ou os anteriores do regimen constitucional, e digam-me tambem quando é que o povo teve melhor e maior representação — se no passado já distante ou no presente a que estamos assistindo.

E' possivel que haja quem conteste o que estou dizendo, quem affirme as vantagens da actualidade visto que hoje tudo é *povo*. Sim, tudo é povo, mas povo que se divide em diversas classes, das quaes só uma tem entrada no parlamento — a d'aquelles que teem a barriga cheia e só conhecem certas necessidades por ter ouvido fallar n'ellas.

Pensem em tudo isto os bons patriotas, aquelles que não fazem vida pela politica nem soffrem de paixões partidarias, e vejam se não seria talvez melhor, em vez de andarmos sempre a indagar o que se passa nos paizes estrangeiros, n'uma ancia de *avancar* que nos deixa quasi sempre ficar parados, regressar um pouco ao passado, em tudo quanto elle não fosse incompativel com os progressos do presente, procurando assim a felicidade dentro da nossa casa e com o auxilio dos proprios exemplos da nossa historia.

Esse regresso ao passado, que terá que effectuar qualquer regimen que se destine a governar bem este paiz, consistirá, afinal, n'uma rigorosa descentralização administrativa, na mais completa autonomia dos municipios em todos os assumptos de interesse local, na sua entrega á administração popular e não á de influentes politicos, e na substituição do actual regimen parlamentar por uma assembleia nacional composta de procuradores de classes em proporção com a importancia e influencia de cada classe na vida do paiz.

D'esta fórma, o povo governando livremente os seus municipios e interessando-se pela vida e pelo desenvolvimento das suas cidades, villas e aldeias, elegendo sensatamente os seus procuradores sem se preocupar com o ideal politico de cada um mas apenas com a sua competencia dentro de cada classe, escorraçados assim os partidos, anulada a influencia eleitoral dos governos, evidentemente chegaríamos a resultados muito mais liberaes e muito mais beneficos do que aquelles que estamos presencendo nos actuaes parlamentos, onde os deputados representam circulos que muitas vezes não conhecem, circulos que teem interesses variadissimos que só podem ser regularmente tratados por quem seja da especialidade.

Creio que tudo isto seria muito superior ás eleições do nosso tempo, que são tão livres que são sempre ganhas pelos governos que por sua vez as perdem quando passam a ser opposição.

Chega a dar vontade de rir!

E descancem os inimigos do que por ahi se convencionou chamar *obscurantismo*. Este regresso ao passado não teria o perigo de acabar com os theatros, caminhos de ferro e automoveis, nem daria em resultado apagar-se a iluminação publica e acabar-se a musica aos domingos e quintas-feiras nas praças e largos da cidade.

Quasi posso tambem garantir que continuariam a existir mulheres bonitas e que os rapazes da moda não abandonariam o paiz...

J. NUNES DE FREITAS.

O nosso orgulho augmenta muitas vezes com o que subtrahimos aos outros defeitos.

ASSUMPTOS ARTISTICOS

A Exposição de aguarellas de João Cabral

COMPÕE-SE de 143 formosissimos trabalhos a exposição que o apreciado aguarellista inaugurou no dia 6 do corrente no salão da *Illustração Portuguesa*. Não pude, como era desejo meu,



João Cabral — Pintor paysagista

comparecer alli n'esse dia, mas logo que me foi possível corri a visita-la, com a curiosidade e gosto que é natural em taes casos. Não perdi o tempo e sahi d'alli promettendo a mim propria voltar.

João Cabral estava sentado junto d'um bufete, folheando um livro. Trocados os cumprimentos usuaes, comecei a minha visita, de catalogo em punho, voltando repetidas vezes atraz para admirar quadros já vistos, mas que por isso mesmo me convidavam a novo exame, tão grata era a impressão que me deixaram.

Tinha eu já visto todos os trabalhos expostos, quando João Cabral veio ter commigo. Exprimi-lhe a minha grande satisfação pela sua bella obra e começámos conversando.

Eu tenho uma decidida paixão pela hora melancolica do entardecer, a que elle tão bem consegue imprimir esse cunho de infinita tristeza que a nada se comparara, a não ser á impressão que nos reflecte no espirito; por isso, *Ao cahir da tarde-Mondego, Poente-arredores d'Espinho, Ao pôr do sol-Setubal, Hora melancolica, Pinheiros ao pôr do sol-Moita, Um poente-Collares*, fóram os que mais me encantaram. Depois, a serra de Cintra, vista atravez d'uma frondosa, exuberante e gigantesca vegetação, vellada por um tenue nevoeiro, é flagrante de verdade e de belleza.

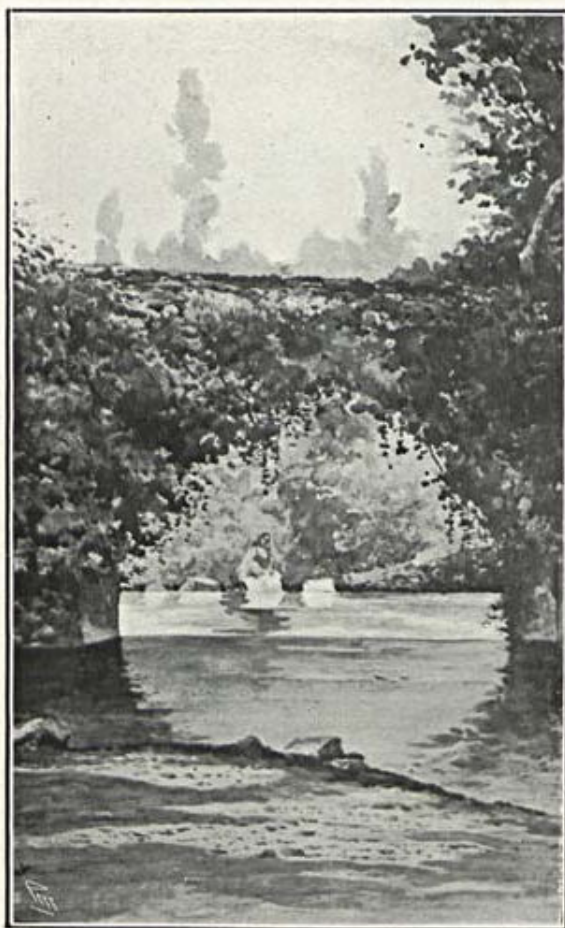
As suas marinhas, muito interessantes tambem. *A praia da Maria Esgueilha* em Setubal, que eu tão bem conheço, *o bote cacilheiro, A canôa da picada-Tejo, Falucho á carga-Tejo, Canôa encalhada-Sado*, tudo isso é encantador!

A Extraviada, uma vacca perdida nos campos de Odivellas, e um Mouro cobrindo a cabeça com o albornoz, costume que elles teem quando fazem as suas preces á hora a que o sol transmonta, são trabalhos que agradam a quantos os virem.

Contou-me o illustre pintor, quando eu examinava um encantador quadrinho que elle fizera nas Azenhas do Mar, um episodio curioso.

— Quando eu escolhia o sitio que havia de pintar, aproximaram-se de mim e de minha mulher, que quasi sempre me acompanha n'estas excursões, uns camponios: cumprimentaram-me com affabilidade e apontando para a caixa das tintas: « — São protectores do calçado o que o senhor vende? » Ao principio não percebi o que elles queriam dizer, mas respondi-lhes: « Não vendo cousa alguma: pinto. » Elles retiraram-se trocando olhares incre-

Exposição de aguarellas de João Cabral



Ponte no rio Galamares, proximo de Collares



Pateo da Rosinha — Villarinho d'Eiras, Cintra

dulos, e minha mulher, que falla bastante mal o portuguez, dizia-me com espanto: «— Te tomaram por *sapatero*?»

Depois a conversa cahiu naturalmente sobre a sua ultima estada em Tanger, e contou-me a visita que fizera a casa de um mouro que o convidára a tomar chá. Era casado, mas a mulher



D. Julia de Brito e Cunha

Organisadora do «hospital de sangue»

de Campolide, descoberto por occasião da ultima tentativa monarchica

não veio receber as visitas: a esposa de João Cabral é que a foi vêr ao interior da casa. O mouro convidou o artista a sentar-se no chão sobre coxins, e uma rapariguita pequena veio servir-lhes chá preto, o unico que os mouros usam e apreciam. Notou com estranheza o artista que o dono da casa, deitando primeiro umas folhas e agua, lavava com isso o bule lançando tudo fóra para, dizia elle a João Cabral, tirar o veneno ao chá, e depois deitava outra vez chá no bule, umas folhas de hortelã, e agua a ferver, tapando tudo com uma espessa cobertura por um curto espaço de tempo. Diz João Cabral que o chá, assim, com hortelã, é delicioso, e que sua mulher, que habitou em Tanger muitos annos, lhe disse que os mouros nunca o tomaram de outra fórma.

E por a conversa ter tomado este rumo, fez-me admirar uma formosa porta moura do castello que em Cintra dos mouros se chama, que João Cabral está convencido, pela fórma em tudo semelhante ás que viu em Marrocos, que devia ter pertencido a uma pequena mesquita alli existente.

Notei-lhe que eram curiosos os immensos e variados aspectos, todos gentis, para que a quinta do Vinagre lhe dera motivo.

— E ainda lá deixei assumpto. E' uma bella propriedade cuja construção data de 1630. Esta casa era muito frequentada por D. João V, e não sei se é d'essa época uma inscripção latina com que se depara logo á entrada, que, mal traduzida, diz pouco mais ou menos isto:

AQUI SE PASSA A VIDA ALEGREMENTE,
E ESSA PORTA QUE SE VÊ FECHADA
ACHA-SE ABERTA PARA TODA A GENTE.

Admirei então a entrada d'essa quinta. A *Casa de regalo*, linda apesar de não ter já tecto e de lhe faltarem muitos azulejos. Affirma a tradiçáo que era alli que D. João V gostava que lhe servissem o café. O rio que atravessa a quinta, a sua ponte, o pateo, a parreira, a arribana, levaram-me a fazer da propriedade, que tem um nome tão antipathico, um conceito inteiramente differente. Vinagre? mel é que devia ser!

Depois fiz, acompanhada pela artista, muitas e encantadoras excursões, em espirito, a varios sitios do nosso bello Portugal e vi-me forçada pela hora a retirar. Lancei então um ultimo olhar aos seus bellos poentes e marinhas e trouxe nos olhos uma doce impressáo das bellezas contempladas, entre as quaes sobresahe como n'um sonho de magia o magnifico castello de Cintra, erguido entre as mais bellas galas da natureza, alli tão prodiga, e coroado por um leve nevoeiro, tenue como um veu, que torna mais melancolico esse quadro que em tudo nos aviva um passado grandioso e heroico.

Se eu tivesse ido aos formosos logares que vi tão bem reproduzidos, diria certamente o mesmo que da exposiçáo de João Cabral: — Hei de voltar alli.

E' este um elogio que se não diz, mas, talvez por isso mesmo, o melhor.

MARIA O'NEILL.

O Graal

SABEM aquelles que conhecem a obra wagneriana que, tanto no *Parsifal* como no *Lohengrin*, o motivo principal é o *Santo Graal*, de que era guarda fiel o cavalleiro do Cysne.

Muito poucos, porém, sabem o que é esse mysterioso Graal.

Segundo Charles Banville, apesar de diferirem um tanto as lendas a ense respeito, são todavia concordes em que se trata de um vaso sagrado que serviu na ultima refeição, ou Ceia do Senhor, e em que José de Arimathea recolheu, no Calvario, o sangue que sahia da suailharga, perfurada pela lança.

Diz tambem uma lenda, de origem celtica, que este vaso apa-

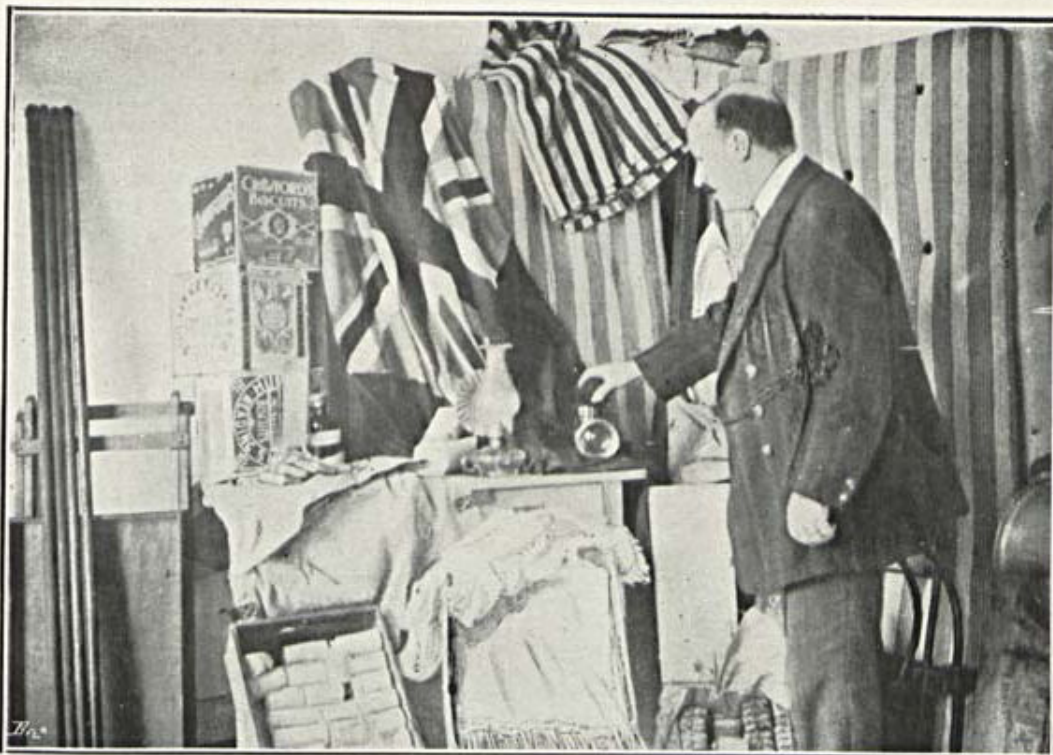


O «hospital de sangue» da rua Leandro Braga, a Campolide
Fachada do edificio

(Phot. de ...)

recia, em dias solemnes, sobre a tavola redonda a que se sentavam os cavalleiros do rei Arthur.

Disputando ambos a respectiva authenticidade, dois *graals* existem ainda, cuidadosamente conservados nos thesouros das igrejas. Um é uma especie de prato de vidro cõr de esmeralda, producto da industria phénicia, que durante seculos pertenceu á cathedral de Genova, de onde foi levado para Paris por Napoleão I; mas, depois da queda do imperio, os genoveses receberam de novo em San Donato o precioso vaso, ou patena de fórma octagonal, a que chamam *santo calice*. O outro — esse, é um verdadeiro ca-



O «hospital de sangue» da rua Leandro Braga, a Campolide — *Objectos diversos que lá se encontraram*

lice — existe em Barcelona e é de onyx com pé de ouro cravado de pedras preciosas, afirmando-se ali ser realmente n'elle que o Senhor deitou o vinho que distribuiu d'pois pelos seus discipulos.

Seja, porém, qual fór a fórma — patena ou calice — e a authenticidade da sua origem, este objecto era conservado, segundo reza a tradição, no pavimento mais elevado do castello do Monte-Salvato, entregue á guarda dos mais poderosos e valentes cavalleiros. *Parsifal* era o rei d'este templo, e foi d'alli que no intento de ir defender a innocente Elsa da infame accusação de ser ella a auctora da morte de seu proprio irmão, filho d'aquelle soberano, o celebre *Lohengrin*, partiu num carro puchado por um cysne alvinitente.

D. Ramon Martinez de Pinillos

São d'este nosso collaborador artistico os magnificos desenhos que illustram o conto — *Os Gladiadores*.

Pois não é um bello designio o trabalharmos por deixar depois de nós homens mais felizes do que nós o fomos?

MONTESQUIEU.



O «hospital de sangue» da rua Leandro Braga, a Campolide — *Paramentos religiosos e objectos de culto que as auctoridades apprehenderam*

(Phot. de ***)

Os gladiadores

I

QUANDO nessa tarde Graecina appareceu no circo de Nero, não houve nem patricio nem plebeu que, por momentos, não ficasse extatico para ella; até o proprio Imperador desviou os olhos da arena só para lhe assestar a esmeralda perscrutadora e terrivel...

trica»! Apesar dos seus preciosos dotes de belleza e fortuna e do seu espirito de despotismo e de independencia (porque ella habita solitaria n'um dos seu palacios) não se julga nem vive feliz!...

— E' interessante... murmurou Néro.

— Entretanto, embora não ame senão os deuses dos templos, desejaria casar, ter por marido um cidadão perfeito e valoroso, de sentimentos nobres e d'uma valentia sem limites! Já tem visto muitos— quer no campo de batalha, quer nos torneios da arena... mas ainda nenhum, nenhum de tantos, conseguiu fazer pulsar-lhe o coração.

OS GLADIADORES



Quando n'essa tarde Graecina appareceu no circo...

— Que te parece, Cesar? inquiria Petronio, o famoso *arbitro das elegancias*, no seu entusiasmo de estheta. Que te parece aquella divindade?... Por Zeus, que não sei d'outra mais bella em toda a Roma!...

— Enlouqueceste, já vejo, respondeu Néro, com certa aspezeza nos modos. E então Poppeia? onde fica a minha Poppeia com seu corpo d'alabastro e seus cabellos de ouro?

— Ah! mas certamente, acudiu Petronio um tanto comprometido, Poppeia está acima de todos os mortaes!

— E depois, proseguiu Cesar, sem retirar a esmeralda, é talvez demasiado morena... Hein? e os peitos, embora altos e bem dispostos, não me parecem ter a rijeza que se deve exigir a uma virgem... Porque ella é virgem, não é verdade?...

— Todos o affirmam; indaguei-o já. E' uma mulher deveras extranha, e muito original... Até ha quem lhe chame «excen-

— E' muito interessante, repetia Néro. Mas não, não é o meu typo... Nem vale tanto como tu queres!

— Mas repará que todo o circo pasma para essa mulher... E todo o circo é dizer: toda a Roma!

Então Néro murmurou, quasi convencido:

— Talvez... Mas se eu me lembrasse agora de cantar, hein?, um só verso que fosse? Verias como todo o circo se voltaria para mim!...

— Oh!... acudiu Petronio, adulator, mas para isso nem tanto seria preciso... bastaria, eu sei, que te vissem levantar!

II

Era Graecina na verdade uma mulher perfeita. Alta, porte dominador e sobranceiro — sempre que caminhava oscillavam-lhe

os seios com rigidez e magestade; eram negros os olhos profundos, arrogantes; negros também os cabellos ondedos, que á mais leve incidencia de um raio de luz chispavam scintillações de onyx; os labios tinham a côr forte e macia de uma papoula; e a linha sinuosa e suave que seguia desde o queixo até o collo, era tão impecavelmente correcta que parecia, como assegurava Petronio, traçada pela mão serena de um deus magnanimo!

Suas faces, de um moreno esbatido e leve, raramente se franziam para sorrir... da mesma sorte que os seus bellos olhos, tão cheios de fogo e de seducção, se cerravam para chorar...

E assim, na sua apparencia fria de mulher indifferente, ella resistia, sempre muda, n'uma quasi inconsciencia doentia — a todos os protestos d'amor por mais violentos e entusiasticos que fossem — partissem elles do primeiro cidadão romano, partissem elles do mais humilde escravo...

III

O circo n'essa tarde regorgita de romanos, — é que o programma da carnificina contentava os mais exigentes! O ar que a custo se desloca dentro do immenso amphitheatro, é mórno e por vezes nauseabundo — a que dão causa a grande agglomeração de corpos e o fedor que emana dos cuniculos das fêras.

A multidão delirava! Cesar, de quando em quando, declarava a Tigellino que teme ensurdecer com o ruido das palmas e dos gritos!

De todo o espectáculo, uma das partes mais empolgantes e que mais entusiasmou o publico — foi o encontro de dois novos gladiadores que pela primeira vez se apresentavam no circo e trabalhavam deante do Imperador. As ovações succediam-se a cada arremesso, a cada golpe certo, a cada lance de perigo... Em poucos minutos a arena ficou coalhada de corôas e flores.

Tanto furor, emfim, causaram em todo o publico que no ultimo assalto, em que Leandro ficou vencido, Cesar, apezar do seu mau humor, viu-se forçado a perdoar-lhe a morte.

Dos espectadores um dos que mais energicamente elevou o seu protesto de misericordia a favor do vencido — foi Graecina. Este facto não passou despercebido aos dois luctadores — principalmente a Leandro para quem Graecina, desde aquelle supremo instante, ficou sendo *um pouco mais* do que uma simples mulher formosa. O mesmo, porem, succedeu a Léo.

Entretanto, depois da lucta, nenhum d'elles trocou uma unica palavra acerca da bella romana. E no fim do espectáculo, sem que um soubesse das intenções do outro, foram ambos postar-se junto das portas que davam saída ás galerias reservadas — logares apenas destinados aos augustaes, senadores e mulheres nobres.

Para não serem reconhecidos pelo povo haviam descido para o rosto as suas corôas de flôres — mas esta medida tornara-se-lhes quasi totalmente inutil por que, em pouco tempo, viram-se cercados por homens e creanças — que os olhavam curiosamente.

De subito Léo fez um movimento para avançar para o interior da coxia... Leandro espreitava-o de longe... Era Graecina — que acabara de descer a escadaria e de tomar para o corredor de sahida.

N'este momento um escravo passou por Léo, correndo, em direcção á liteira da bella romana — que a pouca distancia esperava, guardada por um liberto. Então uma idéa atravessou o espirito de Léo — offerecer-se para ser um dos conductores da liteira, idéa esta que lhe pareceu de tão suprema homenagem que seguiu immediatamente o escravo...

Outro, menos precipitado, aguardou tranquillamente que Graecina se approximassem; e assim que ella, com toda a fria magestade da sua belleza e do seu orgulho, vinha transpondo a porta triumphal do amphitheatro, arrancava do amplo capacete doirado e do corpo escultural as flores que recebera no circo e lançava-as de seguida por terra — para que ella as pizasse ao passar...

Entretanto Léo tinha-se inclinado deante da portinhola da liteira, com o mesmo recolhimento e respeito com que o faria deante do altar de um deus, e exclamava para Graecina:

— Que pensarias tu, divina romana, se eu, o campeão do Imperio, me offerecesse para substituir um dos teus escravos e conduzir a tua liteira?...

A este gesto de tão alta cortezia, ella apenas se limitou a erguer os hombros, com todo o requinte do seu orgulho.

E da mesma sorte procedeu para com Leandro — quando viu este, pouco depois, beijar e guardar cuidadosamente entre o cinto e a carne todas as flores que encontrou pizadas por ella!

Chegado ao palacio de Graecina, Léo ficou inteiramente convencido de que o seu rival não possuia apenas uma extraordinaria força nos musculos, possuia-a também na vontade.

Durante todo o trajecto da liteira, Leandro, nem mesmo por acaso, passou uma só vez os olhos sobre Léo.

Junto á portinhola, ora fitando Graecina, ora beijando as flores que trazia na cintura, — elle ia firme e confiado, cheio de fé e de esperanza, na cega embriaguez do seu amor...

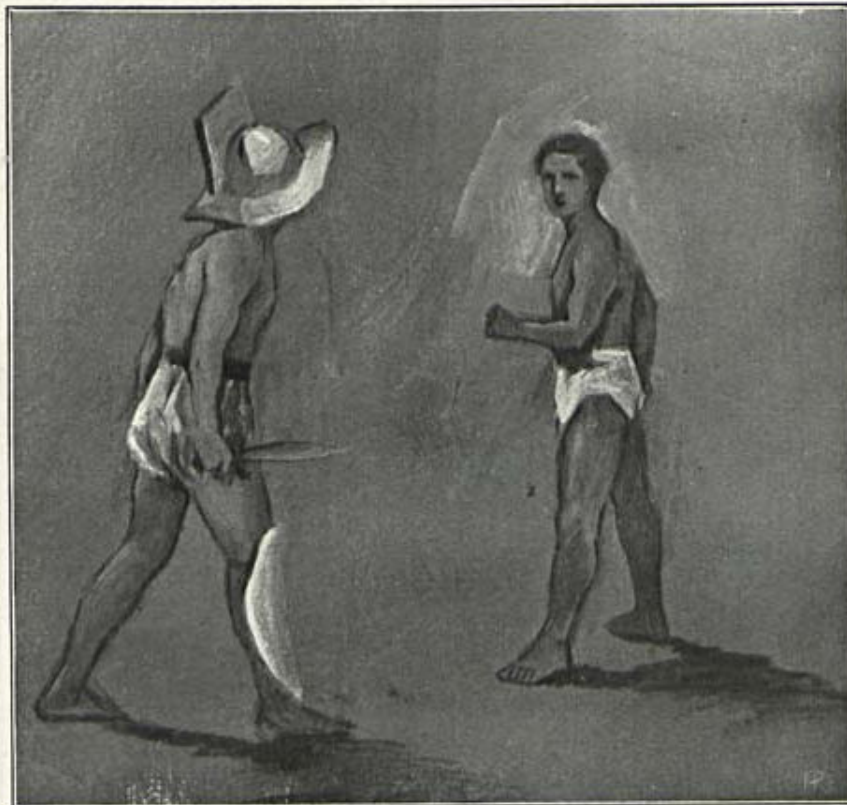
Era como se caminhasse em plena Estrada do Ideal! senhor do sonho e da Illusão!

Então a colera de Léo explode, tremenda; e arrancando do gladio, n'uma raiva que lhe corre todo o corpo, n'um odio invencível que pela primeira vez o torna cobarde, avança e cae sobre o adversario — na occasião em que este, que via Graecina apear-se da liteira, estava de costas para elle...

No emtanto o outro presente-o e n'um habil balanço de corpo consegue recuar em dois saltos rapidos — o bastante para se livrar do golpe, poder sacar do gladio e ficar de frente para o adversario.

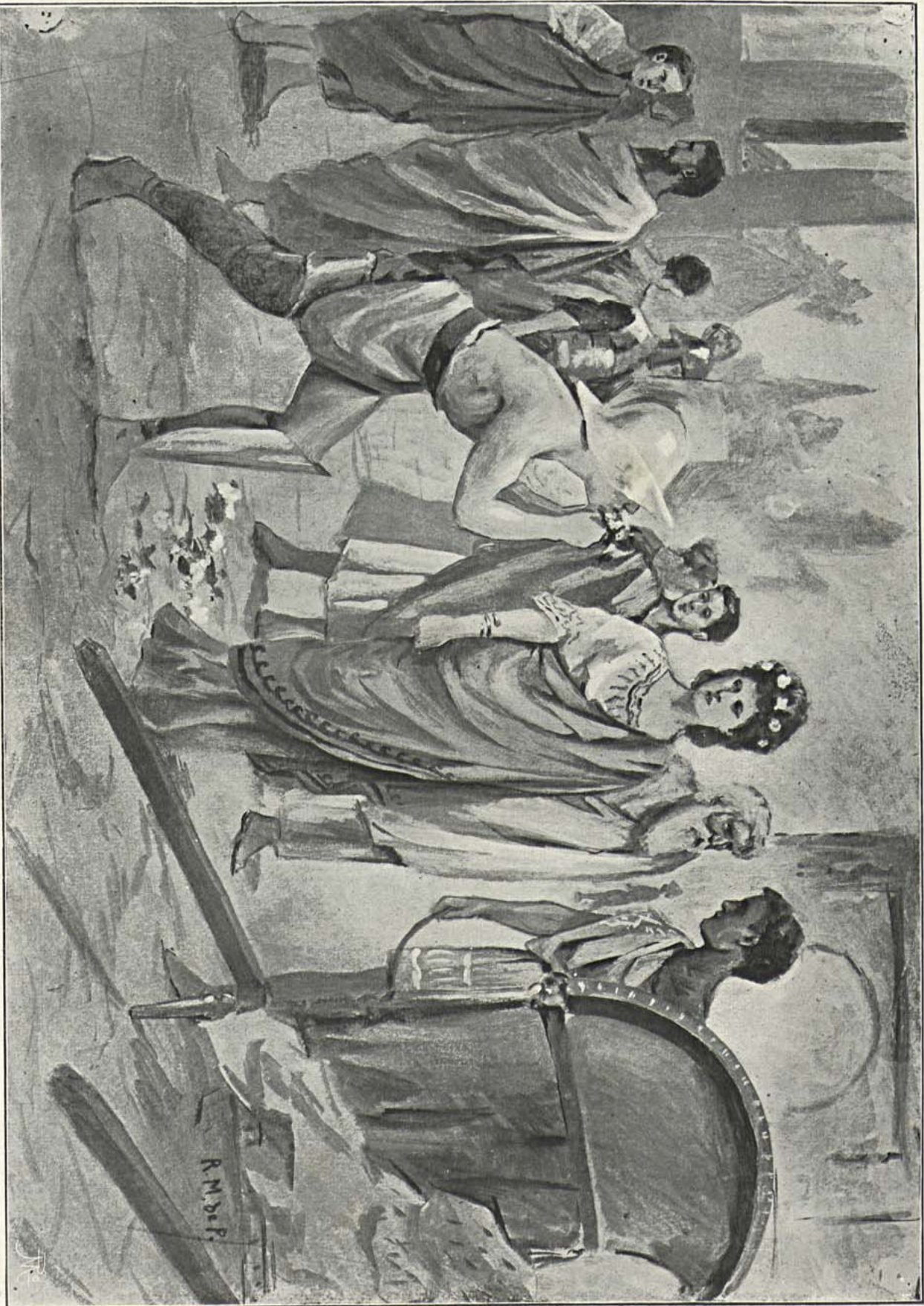
N'este momento Graecina, tendo subitamente impedida a passagem, viu-se forçada a parar...

Esta contrariedade fêl-a tomar um aspecto de rancor; e cruzando os braços, n'um gesto lento mas affrontoso, ficou-se a olhar ora para um ora para outro. Os dois haviam levantado as armas até á maior altura, por cima dos capacetes scintillantes... E n'esta attitude aggressiva em que elles estavam, immoveis e formidaveis, lembravam dois blocos de rocha ou duas figuras de marmore! Graecina então comprehende que o seu olhar arrogante foi attendido e que tem agora o caminho livre para passar. E enquanto ella desliza pelo lagedo do pateo, vagarosa e altivamente, os gladiadores miram-se e remiram-se com ferina colera.



Os gladiadores — ...foi o encontro de dois novos gladiadores...

OS. GLADIADORES



E da mesma sorte procedeu para com Leandro — quando viu este, pouco depois, beijar e guardar cuidadosamente entre o cinto e a carne todas as flores que encontrou pisadas por ella!

Agora... Graecina passa por entre elles... — vê-lhes os musculos retesarem-se, os olhos injectados como a quererem saltar-lhes das orbitas em fogo, ouve-lhes os corações a palpitem e os dentes a rangerem, a rangerem... n'uma desvairada febre de vingança e morte!...

Então pensou:

— Devem amar-me muito, porque muito é o odio que se separa! Extranho coração é o meu que nada o satisfaz! E o tempo corre e a velhice ha-de vir, e por fim a morte... e poderei eu envelhecer, morrer, sem nunca ter amado alguém?

Agora a lucta começou a interessa-la, e muito mais de certo do que momentos antes, no amphitheatro, quando a morte pairava mais horrivel e certa sobre os dois gladiadores...

A um simples gesto, dois escravos teem desaparecido no interior do palacio, trazendo pouco depois um triclinio dourado onde Graecina se deixa reclinar voluptuosamente.

O silencio é profundo, e tanto, que se pôdem ouvir lá longe os rumores da população que abandona o colyseu...

Elles teem-se voltado para Graecina. De novo ficam a olhal-a, dominados, loucos d'amor e ciúme! Nunca lhes parecera tão bella, tão irresistivel!

Por momentos permanecem assim, quedos e silenciosos, porque o mesmo pensamento acode a ambos. Por fim Léo, o mais impetuoso, inquire da romana:

— Dize, divina, qual é o teu preferido entre os heroes do imperio?

— Qual é?... pergunta tambem Leandro.

Depois d'uma curta pausa, Graecina responde, ligeiramente perturbada:

— Nenhum!

— Nenhum?!... exclamam Léo e Leandro, com o olhar estarecido.

— Serei talvez uma mulher singular, excêntrica — como assim alguém me chama — Mas que quereis? Até hoje, até este instante em que assisto à briga encarniçada que

travaes por mim, ainda não amei a ninguem. Entretanto sinto que o amor só me seria despertado pelo homem que fosse capaz de me offerecer a mais rara prova de sacrificio. Creio n'isto. Alma doentia, o meu pobre coração só pulsará com esse ambicionado ardor no dia em que uma fortissima emoção consiga impulsional-o.

Os dois rivaes entreolharam-se, cada vez mais surprehendidos. De repente, como que assaltado por uma luminosa esperanza, Léo — recordando-se de que n'aquella tarde fôra aclamado campeão de todo o Imperio e que, como tal, mais do que nenhum outro poderia offertar á exigente romana a *grande prova* — avançou resolutamente para Graecina, e erguendo a mão direita, como no circo, deante de Cesar, antes de começar os jogos, exclamou com voz firme e convicta:

— Salvé... Graecina! Se ha pouco arrisquei a vida luctando por Cesar, porque não hei de tambem arriscal-a luctando por ti! que para mim és hoje mais do que Cesar?

Leandro pendeu a cabeça sobre o peito, desalentado... Recordara-se da victoria de Léo no ultimo assalto... Ficaria vencido mais uma vez?

A multidão dos curiosos que invadira o pateo, esperava atterrada, n'uma ancia indiscriptivel, o desfecho d'aquella lucta tão egual e que prometia ser tão renhida.

Os gladios resplandecem como prata. Recomeça o combate. Leandro tem recuado propositadamente, para ficar em frente de Graecina, d'aquella por quem vae morrer... Os ultimos raios de sol arrancam scintillações de fogo dos capacetes doirados. O povo, formára circulo, mas conservava-se no mais inalteravel silencio. Entretanto Graecina, recostada no triclinio, olhava a scena tranquillamente; talvez um pouco mais pallida e apprehensiva... Deante de si via o corpo nu e esculptural de Leandro, agitando-se na lucta. Léo tinha avançado constantemente; porém n'um mo-

mento em que suppoz poder ainda avançar, embate com Leandro e sente-se subitamente agarrado pelo pulso da mão direita e pela guella! D'esta sorte vencido e desarmado cruzou os braços e não ousou erguer os olhos para ninguem. Léo estava derrotado! Leandro, n'aquelle supremo instante, poderia considerar-se o homem mais feliz de Roma! — ainda mais: do mundo inteiro!

Graecina fitou-o, sem poder conter um ligeiro sorriso de satisfacção. Leandro, porem, ou por não ter notado este sorriso ou por julgar a victoria ainda bastante mesquinha, toma do gladio e restitue-o a Léo. Este acceita-o. Um sussurro de reprovação acolhe este acto vil e supremamente covarde — porque Leandro havia cruzado os braços completamente desarmado. Todos puzeram os olhos em Léo; Graecina chegou a erguer-se do triclinio. Mal se vê de posse do gladio, Léo, cego pela vergonha, pelo ciúme e pelo odio, prepara um salto de leão e cae sobre o outro, cravando-lhe o ferro na garganta até ao cabo!

Um esguicho de sangue attinge o assassino e mancha largamente as lages do pateo. Leandro vacilla; os olhos, que até aquelle momento os conservara sempre fitos na romana — reviram-se, branqueiam e o corpo, sem vida, tomba por terra...

Um urro de dor e de indignação sae de todas as boccas. — E agora? pergunta Léo, n'um grito de victoria. E agora?!...

Graecina, que tem corrido para junto do cadaver de Leandro, exclama desvairada, rasgando a toga e offerecendo o peito nú ao gladio de Léo:

— Agora sou tua, podes matar-me tambem!

Perante aquelle corpo idealmente bello e perfeito, Léo estremeceu, ao mesmo tempo enraivecido e deslumbrado.

— Graecina! Graecina! Eu amo-te!...

— E eu odeio-te! Que caia sobre ti a maldição dos deuses!

— Graecina!... tu ignoras que o ciúme...

— Não me aterra o teu olhar odioso! Podes matar-me! Anda! Mata!... Não hesites; tens aqui o meu seio — é teu! este meu seio tão admirado e apetedido! Acceita-o. Está puro, immaculado! E's o primeiro homem a quem faço semelhante offerta.

De repente Léo, rugindo como uma fera, ergue rapidamente a dextra á altura da cabeça, tão sómente na idéa de lhe causar terror, e fica por instantes com o braço suspenso.

Mas Graecina conservou-se immovel; os olhos, fitando o ferro sangrento, parecem esperar com anciedade que elle desça e vá cravar-se bem fundo entre os seios nús.

Então o gladiador sacode terrivelmente o corpo n'uma convulsão de raiva... Cerra os dentes e murmurando quaesquer monosyllabos incompreensiveis, baixa com violencia o braço musculoso e forte...

O corpo da romana tomba sobre o de Leandro... Em breve o sangue de um se confunde com o sangue do outro.

Aniquilado, Léo olha os dois cadaveres. Mas nem assim o grande desvairado se poderia sentir saciado na sua colera, no seu ciúme, no seu egoismo!

Pois elle, que pelos crimes que acabara de consumir, julgara ter dissolvido toda a ligação espirital entre aquelles dois enes que se haviam aureolado de amor, ignorava, como os polytheistas visionarios, que as suas victimas, separadas um momento na vida, iriam juntar-se para sempre na morte!



Os gladiadores — Graecina que tem corrido para junto do cadaver do Leandro...

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXVIII

O conspirador Justino

A familia Justino recolheu ha dias da praia onde se estivera espanejando tres mezes n'um casinhoto acanhado onde chuvia em dias de tempestade. Foi lá, junto das poeticas ondas que faziam suspirar a Justininha quando carregada de *chis-chis* ia matar a nostalgia pelo Arthur cadete, com o pôr do sol, que a tentativa revolucionaria de 21 d'outubro os foi encontrar, firmes no seu posto de thalassas *ragés* como dizia a esposa Justino tão azul de convicções como atrazada em francez.

A familia Justino bebia do fino na ultima conspiração como de resto acontecia sempre nos movimentos d'esta natureza. O pae, que no historico 5 d'outubro tivera tres impetos para ir á Rotunda «correr tudo aquillo a pau» — como elle dizia invocando nos serões familiares a sua bravura — resolvera por fim pôr uma gravata vermelha no dia 6 quando risonho e sorridente foi ao Rocio saber se os jesuitas ainda estavam escondidos nos canos. E como n'essa occasião o paradeiro de Couceiro constituia ainda um misterio arrelhiador para as attitudes definidas, o pae Justino foi levando á cautella um laço azul e branco no bolso do colete não fosse o demo tecer alguma reviravolta comprometedora para o encarnado berrante da sua gravata.

No fundo, porém — no interior, como costumavam dizer nos conceiliabus intimos — a sua fé thalassica dominava em abundancia tal que não deixava hesitações.

Não havia medalha symbolica do passado regimen que a familia Justino não possuísse; e a sua intransigencia politica chegou a tal ponto que a salada de tomates e pimentos foi abolida dos menus caseiros por causa... da junção das côres.

Todas estas circumstancias que desde outubro de 1910 constituem provas eloquentes, para o campo monarchico, do *valor*, *lealdade* e *merito* dos seus correligionarios, concorriam na pessoa do pae do Justino e nas dos seus dois filhos e genro.

— Só a nossa casa dá quatro combatentes pela realeza — affirmava orgulhoso o interpido chefe de familia quando os de *confiança* alludiam na sua presença ao *dia grande*. Os de *confiança* então innumeravam por sua vez as consideraveis forças de que tambem dispunham. E os calculos feitos á sobreza quando a rodinhas dos *intimos* se encontrava toda reunida, chegava ás vezes a chegar 4 a 5 mil homens dispostos a sacrificar a vida — a vida?! mil que tivessem! — pela restauração.

Quando da ultima incursão, em julho do anno passado, o Justino não descansou noite e dia. Devido á communicação epistolar com um antigo visinho que tinha emigrado para Hespanha, encontrava-se sempre bem informado sobre os projectos incursionistas dos exilados politicos.

Uma tarde, nas vespuras do ataque de Couceiro a Chaves, o Justino chegou a casa com a bochechinha afogueada e enigmatica. Chamou a esposa de parte e segredou-lhe solemne:

— A coisa está por horas!...

— Que me dizes Justino?!

— Mas é segredo absoluto. Olha que isto não se repete nem á propria sombra!

— Credo, homem! Então tu pensas que eu sou alguma creança?!... — e a consorte do Justino depois d'um instante de reflexão acrescentou comovida:

— Mas n'esse caso tu tens que ir combater? Ai! Justino que aflicção!...

— Então, filha, coragem. Verás, é um instante apenas. Tu não calculas como as coisas estão! E' infalivel a victoria...

E o Justino decrevia forças collossaes que invadiriam o paiz por todos os lados da fronteira e a que se juntariam mais de duzentos mil homens cá dentro.

— Olha, só automoveis blindados chegaram a Vigo a semana passada, quinientos...

— Oh!

— E peças d'artilharia?! A ultima remessa já nem foi aceite por falta de logar...

— Ih!!... E a esquadra, Justino? Tambem ha navios?

— Que pergunta? Já veem a caminho. Cruzadores são vinte ou vinte e cinco, fóra dez couraçados e uns cincoenta torpedeiros.

— Ah!!!...

A esposa do Justino ficára atonita.

— Mas é preciso o maior segredo. Olha que só ha por em-

quanto tres pessoas que sabem d'isto. E' o Paiva Couceiro, o empregado do *placard* do *Mundo* e eu.

— E assim deve ser. Eu cá por mim não digo a ninguem. Isto é... á mulher do Chico parece-me que era um dever avisa-la. Coitada, tem sido tão dedicada... Ainda hontem mandou fazer uma blusa azul com o peitilho branco.

— Ah! a essa, é claro. E ao Gustavo tambem. Esse é uma rocha.

— Mas olha que o João depois escandalisa-se se tu não lhe dizes, e bem sabes os favores que lhe devemos.

— Mas sem duvida. Ao João e ao Pedro faço tenção de lá ir hoje, quando vier de casa do Santos que tambem quero avisar por um dever de lealdade.

— Olha Justino, a tia Conceição é uma barbaridade se lhe não dissermos nada. Com a lezão adeantada como tem, se ouve começarem para ahi aos tiros...

— E' o diabo é. E agora me lembro que o Raul está prohibido pelos medicos ter comoções fortes. Se lhe não digo é capaz de se assustar e fico depois com a responsabilidade do que lhe acontecer.

N'essa noite quando o Justino regressou a casa vinha estenuado.

— Que trabalhão, homem! O que tu tens feito pela causa. E verás que a paga que te dão são dois pontapés.

Com effeito o Justino tinha sido incansavel. No curto espaço de cinco horas tinha avisado quarenta e tres *intimos* de que a coisa estava por horas e só tres pessoas sabiam: Paiva Couceiro, o encarregado da *placard* do *Mundo* e elle...

Malograda a incursão de julho a familia Justino redobrou d'actividade e de esperanza. A coisa agora seria cá dentro. Era certo, era fatal. Sabiam os mais reservados pormenores e exultavam d'alegria. Ah! d'esta vez, sim. D'esta vez a familia Justino seria heroica, d'essa heroicidade antiga que em julho não puderam pôr em pratica porque... o Paiva Couceiro não tinha chegado a Lisboa.

— Se elle aqui tem conseguido chegar victorioso desde a fronteira, vocês veriam o que nós faziamos. Foi uma pena!...

E o interpido Justino com um suspiro saudoso por aquelle arrelhiador contra-tempo, passou a segredar coisas tetricas nos serões dos *intimos* e a architectar planos nas conferencias com os de *confiança*. A esposa, n'uma desenvoltura de Maria da Fonte, galgava diariamente duzias d'escadas, levando as ultimas novidades a casa das tias e das primas que babadas de gozo reforçavam o *stock* das medalhinhas symbolicas. Uma noite a Justininha esgançando-se para o derriço, recommendou afflicta:

— A'manhã vem mais cedo porque disse o papá que deve reventar a revolução monarchica.

— O quê?

— Vem mais cedo ámanhã por causa da revolução monarchica...

— Quando é?

— E' ámanhã!

E a Justininha abrindo as guellas com toda a força e debruçando-se mais como quem está prompto a arriscar a vida para salvar tão magno segredo, ajuntou:

— Mas não digas nada a ninguem por que é segredo. O Azevedo Coutinho já está em Lisboa.

— Bem sei. Disse-me ainda agora o Fonseca do *Seculo* que tinha ouvido dizer no Governo Civil.

— Vês, que é certo?

— Olha o papá com os manos e o Alfredo vão buscar artilharia e infantaria e depois passam por cavallaria e trazem tambem a marinha e á volta para baixo levam os navios... Mas não digas nada *óviste?*

Passaram-se 48 horas; e na manhã de 21 o intrepido Justino que na vespera á noite se lembrou, de repente, que era pae de filhos e não devia portanto arriscar o futuro d'innocentes, resolvendo aguardar na praia a chegada do Rei para ser dos primeiros a cumprimental-o, murmurava, enquanto ia compondo ao espelho a sua berrante gravata dos momentos criticos:

— Olha se eu não era pae de filhos e tenho ido buscar as tropas, hein?! O que havia agora de fazer a toda aquella gente?...

E sahio a dar uma volta, sorridente e feliz, recolhendo á tarde ainda mais feliz e sorridente, porque... a coisa agora ia ser certissima.

— Disse-me o Venancio. Agora é infallivel. Estão já lá fóra organisando uma grande incursão em aeroplanos blindados. E eu disse-lhe logo que mandasse dizer ao Couceiro que só pela minha parte tenho uns 4 ou 5 mil homens firmes como sempre e dispostos a tudo...

E foram jantar.

CRISPIM.

Como Norberto fazia amigos

O senhor Norberto d'Oliveira Mendes era um velho mercieiro, com grandes suissas brancas e uns olhitos penetrantes e vivos que pareciam dizer que o seu possuidor não era de todo tolo.

Começou a sua carreira commercial sendo marçano na casa de que era hoje proprietário. Extremamente ignorante e desconfiado, nunca descansara em ninguem as suas obrigações, que cumpria religiosamente. O seu patrão, que viera de Orense estabelecer-se em Lisboa, afeiçoou-se áquelle burro de trabalho que tinha apparencias de gente. Achava-lhe graça ao ver que ao domingo, quando fechava a loja, o Norberto vestia-se com o seu melhor fato, sempre na ideia de ir dar um passeio, e dizia ao patrão e aos companheiros:

— Vou hoje dar uma bella passeiata, isso é que vou.

Mas, chegando á rua, entrava no carvoeiro a dar dois dedos de conversa, ia até á loja do Joaquim barbeiro, e, momentos depois, girava em volta das portas do estabelecimento e não arranjava d'alli.

Os outros instavam:

— Vem d'ahi, Norberto: anda dar uma volta.

— Isso fica para a outra vez. Não tenho animo de ir gastar n'um dia o que ganhei n'uma semana.

— Não seas forreta, vem...

— Sim, sim, chama-lhe nomes. E se eu adoecer e precisar de medicamentos? Não tenho pai, nem mãe, nem quem m'o ganhe.

— Não tiras proveito nenhum do domingo!

— Então não tiro? Descanço. Foi para que o domingo se fez. Vocês, que são uns pandegos, entendem que divertir é que lhes convem. Eu tenho cá outro pensar.

O Malaquias, que desde que viera de Orense se privara de gastar cinco réis mal gastos ou sem reconhecida utilidade, admirava o seu empregado que, em tão curtos annos, mostrava ter tão singular bom senso. Da admiração nascera rapidamente a estima e, como não tinha familia, deu-lhe interesses na casa, acabando por fazer testamento em seu favor.

Reconhecido, Norberto dedicou-se ao Malaquias com affecto de filho, e, quando, muito mais tarde, elle morreu, a sua dôr impressionou quantos a presenciaram.

Começou então o Joaquim barbeiro a querer casa-lo com a filha, mas o Norberto Mendes tinha horror ao matrimonio.

— A mulher, dizia elle ao seu amigo quando lhe aconselhava o casamento, é o sér mais gastador e mais fallador que existe. Ha tambem quem affirme que ninguem lhe leva as lampas na teimosia. Você comprehende, amigo Joaquim: se eu não o gasto commigo, não é para o derreter com uma azemola qualquer. Não... eu sou um homem de principios. A minha ideia é outra. Quero arranjar um filho, educa-lo, fazer d'elle um homem, para ter quem me feche os olhos, quando fór da grande viagem, e fique aproveitando o fructo do meu trabalho. Ora se eu, que não era filho do Malaquias, lhe queria tão cá de dentro, o que não seria se realmente elle fosse meu pae?

— Pois sim, não digo menos d'isso... mas se você casasse...

— Isso casa elle! Com dinheiro tudo se arranja... Quero ter um filho, mas Deus me livre de aturar uma mulher. Cruze, canhoto!

Realmente, passados pouco mais de dois annos, o Norberto confiava uma criança recém-nascida, que elle tinha bem a certeza de ser seu filho, aos cuidados d'uma robusta rapariga de Loures, a casa de quem ia todos os domingos para se certificar do modo por que a criança era tratada. Não seguiremos as varias phases da creação e educação do pequeno Malaquias; seria fastidioso. Affirmaremos apenas que Norberto o achava aos vinte annos superior a todos os homens em belleza, intelligencia e dintincção, e puzera n'elle toda a vaidade que cabe na cabeça d'um parvo e todo o affecto d'um pae extremosissimo. Quando o rapaz terminou o curso de direito, o jubilo de Norberto não conheceu limites, como adiante veremos.

O mercieiro tinha uma mania: receber na sua casa a visita de pessoas, distinctas por qualquer razão ou aristocraticas. Isso não era facil: era mesmo quasi impossivel.

Que o ministro X. lhe estendesse a mão e o deputado V. lhe chamasse seu amigo, que a marqueza de P. tivesse a condescendencia de o cumprimentar, era a sua grande ambição para lhes

poder apresentar o filho e para que um dia elle pudesse entrar n'essa sociedade que nunca vira, mas que a distancia o fascinava.

Em vão se quizera relacionar na alta sociedade. Apesar de ter sobrecasacas irreprehensíveis e mais d'um chapéu alto dos melhores, de levar as mãos oppressas em luvas excellentes sempre que sahia, não o conseguiu. Meditou muitos dias. O tempo urgia. O rapaz estava a chegar de Coimbra com a classificação de *nemine discrepante*, que o pai traduzia com orgulho por *não é sacripanta*.

E elle ainda não tinha conseguido as bellas relações em que fallava ao filho nas cartas que lhe escrevia, na intenção de se elevar a seus olhos!

Quiz a sorte que um dos mais intelligentes ministros da fazenda que tem havido em Portugal, fôsse morar perto do estabelecimento do Mendes. Naturalmente forneceram alli a despensa, e como Norberto lhe fizesse todos os possiveis salamaleques e rapapés, accumularam-se as contas de mez para mez sem nunca pensarem em pagar. Quando a divida attingiu quinhentos mil réis, pareceu ao Norberto que o ministro já devia ter por elle alguma consideração. Vestiu-se o mais janotamente possivel, poz uma rosa branca na botoeira e, enluvado, meneando sem geito algum uma magnifica bengala com um brazão, que adquirira no leilão d'uma casa de penhores, dirigiu-se com o ar mais importante possivel a casa do ministro e, entregando um cartão de visita ao porteiro, disse-lhe com um tom verdadeiramente protector:

— Faça favor de me annunciar ao senhor conselheiro.

Este, calculando que o tendeiro o vira decerto entrar, não ousou negar-se.

Mandou-o subir e disse-lhe no mesmo tom que elle empregara com o porteiro:

— Então que o traz a esta sua casa, meu caro senhor Mendes?

O mercieiro, sentado na borda d'uma poltrona, muito imperti-

Como Norberto fazia amigos



O meu chá das cinco é este!

gado apesar da sua corpulencia, muito agarrado ao chapéu e á bengala, tossiu e começou assim:

— Eu não sei se V. Ex.^o levará a mal que eu lhe falle n'aquella continha, mas...

— De modo nenhum. E' naturalissimo. Mas o meu amigo não calcula que transtornos eu tenho tido desde que faço parte do ministerio...

— Pelo amor de Deus, senhor conselheiro! interrompeu o Mendes. Eu não quero de forma alguma aggravar a situação de V. Ex.^o

Isso sim! Ainda hontem gritei lá aos frequentadores da casa: «O X, como se diz na ausencia, é o meu homem, o maior homem do paiz. Só elle é que é capaz de acabar com os *defis* do Estado.» Tanto formo de V. Ex.^a o melhor conceito, que, quando fór das eleições, ponho ao seu dispôr uns votositos, uns trezentos e cinquenta, que vão para onde eu mandar.

O ministro, encantado com tão estranho credor, tratou-o por amigo, e, contente com a sua influencia eleitoral, disse-lhe, reconduzindo-o á porta com gentileza:

— Logo que tenha um momento de meu, irei pagar-lhe a visita, meu caro visinho.

O Norberto sahio d'alli radiante. Não se trocava por ninguém. Nessa noite escrevia ao filho:

«Passei hontem um pedaço da tarde com o conselheiro X, um dos mais notaveis homens politicos d'este tempo que me annunciou a sua visita para breve.»

O ministro, três dias depois, entrava em casa do Norberto, para a qual se subia pela loja. Teve de ouvir o gramophone, admirar algumas peças de louça da India, de beber chá n'uma formosa chavena japoneza, e de comer varias bolachinhas.

Quando se retirava, levando a certeza dos votos e o offerecimento de três caixas de bolacha, o Norberto, como homem rasgado, mostrou-lhe a factura dos quinhentos mil réis, e, muito vermelho, bradou com entusiasmo:

— E' para mim tal honra receber a visita de V. Ex.^a n'esta sua casa, que entendo solemnisa-la assim, ficando-lhe ainda devedor.

E rasgou a conta em pedaços, n'um gesto verdadeiramente heroico.

O ministro retirou-se agradecido e perdido de riso pelos modos pretenciosos e grotescos do pobre homem e pela sua linguagem pitoresca.

Dias depois, a elegante condessa de S., que por processo quasi identico, mas mais violento, (ella era renitente em se negar systematicamente a vêr a mão cabelluda do tendeiro amigavelmente estendida para estreitar a sua) entrava na loja de Norberto d'Oliveira Mendes, e instava para ser recebida.

Elle fazia-se rogar.

Finalmente cedeu. E a elegante senhora atravessou o estabelecimento, arregaçando muito o vestido, fazendo-se esguia para não tocar nos saccos de feijão e de batata, e subiu á mesma sala onde, dias antes, dera entrada o ministro.

Veio recebe-la á porta o Norberto, em trajo caseiro, com chinelas de carneira vermelha e um grande lenço tabaqueiro a sahir-lhe do bolso.

— Peço desculpa de lhe apparecer n'este *desabilhé*, senhora condessa, mas não esperava ter o prazer...

Esperava tal, porque, tendo recebido de manhã a visita do procurador da sua devedora com mau modo, e annunciando-lhe uma penhora impreterivel para o dia seguinte, tinha ido pôr-se immediatamente no que elle chamava o *desabilhé*, convencido de que estava na maior elegancia caseira.

Entendeu offerecer o braço á condessa para a conduzir ao so-

phá. Ella corou violentamente, teve uma evidente hesitação em lh'o aceitar, mas desejando obter uma delonga para pagar o seu debito, entendeu que não devia hostilizar o mercieiro e collocou a ponta dos dedos enluvados no braço da oleosa e antipathica creatura.

Sentando-se, a condessa começou a expôr o fim da sua visita.

Elle ouvia-a, acenando com a cabeça affirmativamente, mas sem dizer palavra. Quando ella concluiu, ergueu-se, foi buscar a mesma chavena japoneza em que offerecera chá ao ministro, e abrindo uma garrafa de vinho velho do Porto, encheu a chavena a transbordar, dizendo:

— O meu chá das cinco é este. Permitta V. Ex.^a que eu lh'o dê pela mesma chavena por que o bebeu o maior homem de Portugal, quando veio a minha casa: o illustre conselheiro X. V. Ex.^a conhece?

— Muito.

— Pois tenho a honra de o contar no numero dos meus melhores amigos...

A condessa começava a impacientar-se.

— Então, sr. Mendes, que responde ao meu pedido?

O sr. Mendes, para se animar a dizer o que queria, esvaziou o resto da garrafa d'um trago.

— Pelo menos, minha senhora, é necessario que entre com metade do dinheiro.

— Mas se já lhe expuz que, n'esta occasião, é impossivell Eu não posso fazer-me em dinheiro...

— Então tenho muita pena, mas não ha nada feito.

— Senhor Mendes!... tenha dó da minha afflicção...

A condessa estava realmente verdadeiramente conternada.

— Minha senhora, eu sou um homem do mundo. Quando as senhoras me fazem pedidos inconvenientes a que não posso acceder, como as não quero desgostar, uso d'isto.

E, levantando-se, começou a tocar no gramophone a marcha da *Cadiç*.

A condessa, de raiva e afflicção, começou a chorar.

Então elle, que no fundo era um bom homem, parou com a musica e, dirigindo-se para ella com as mãos estendidas:

— Eu não sei resistir a lagrimas em olhos formosos.

Era grotesco querendo ser gentil. Tirou a conta do bolso, escreveu-lhe a um canto: «Recebi a quantia supra.» e estendeu-a á condessa com um gesto magnanimamente, dizendo:

— Eu sou assim: generoso até ao infinito. Se não pode, não pode. Adeus.

A condessa, espantada, desfazia-se em agradecimentos.

— Não me deve nada. Só lhe peço que me considere no numero das pessoas que a estimam e que, se algum dia eu precisar do seu prestimo, se lembre de que me portei bizarramente comsigo.

A condessa, assustada por estas palavras, acenou affirmativamente com a cabeça.

Elle tornou a dobrar-se ridiculamente diante d'ella e, offerecendo-lhe o braço, reconduziu-a á carruagem.

Quando voltou a subir a escada, resmungava:

— Estas madamas não teem dinheiro para pagar o que devem, mas não dispensam andar de pé no ar.



Como Norberto fazia amigos— E levantando-se começou a tocar no gramophone a marcha de *Cadiç*

Tres mezes depois annunciava-se o Norberto d'Oliveira Mendes no palacio da condessa de S., acompanhado do filho que era um bello, elegante, e desempenado rapaz.

Foi immediatamente recebido.

— Venho apresentar-lhe o meu filho, senhora condessa. Terminou o seu curso com um *sacripanta* e como se deve galardoar quem estuda e tem talento, vae fazer uma viagem de recreio pela Europa.

E voltando-se ao filho:

— Apresenta-te bem, rapaz. Falla e mostra o que sabes.

Corado até á raiz dos cabellos, vexadissimo, o rapaz não sabia que dizer.

Desapontado, o pai continuava:

— Então não dizes nada? Foi para fazeres essa figura que eu te dei um curso?

O rapaz quasi tinha as lagrimas nos olhos.

A condessa estava cheia de dó d'elle, apezar de sentir uma

O filho do tendeiro ficou-lhe gratissimo.

Ora, lendo este episodio, têm os leitores a explicação do motivo por que nas festas tão elegantes da condessa de S. apparece sempre a ridicula figura do Norberto d'Oliveira Mendes, que a condessa, por dó do Malaquias, emprehendeu civilisar. Mas não ha meio.

Se já não recommenda ao filho que mostre o passaporte a todos como um objecto raro e digno de apreço, tem exclamações como esta:

— Ah! a condessa é realmente muito minha amiga, mas custou-me isso a bonita somma de tanto...

E nem um real ficava por mencionar.

O mesmo se dava quando fallava do ministro, abanando-se com a claque, n'um gesto que lhe parecera valer a pena de copiar aos elegantes, e ajuntava:

— Eu sou um diplomata. Sei como se conseguem as cousas e se fazem os amigos.

E parece que sabia.

MARIA O'NEILL.



Como Norberto fazia amigos — Mostra o teu passaporte á senhora...

immensa vontade de rir, la fallar para fazer sahir o rapaz da incommoda situação, quando o velho ajuntou com vaidade:

— E vae na primeira classe! Viaja já como quem é um doutor a valer! Mostra o teu passaporte á senhora, anda.

A condessa não pôde mais. Desatou a rir, e o rapaz riu tambem, mas com um riso que pareceu á gentil mulher terminar n'um soluço. Ella era boa. Commoveu-se e, estendendo a mão a Malaquias, disse-lhe com verdadeira sinceridade:

— Perdôe-me não poder ter sido superior a este accesso de hilaridade

— Oh! minha senhora...

Então a condessa começou fallando, d'ahi a pouco a conversa estava estabelecida, e realmente Malaquias mostrava quanto valia a sua intelligencia superior.

A condessa, tendo percebido por varias e ineptas insinuações qual o favor que d'ella esperava Norberto, foi rasgadissima: convidou-os a irem jantar a sua casa antes da partida.

Fôram. Deu-se então uma longa série de ridiculos *qui-pro-quo*, mas a condessa, tendo visto no dia da apresentação quanto o riso de Malaquias encobria mal o soffrimento que lhe causava a inepticia paterna, foi verdadeiramente heroica; nem sorriu.

SONETO

Oh poesia inefavel, vaga, triste,
D'um intimo sonhar, por noites bellas
Perdido o amor no lume das estrellas
D'outro mundo melhor que eu sei que existe...

Quando o luar me impele a que me aliste
Na phalange risonha das chimeras,
Que sae a conquistar novas esferas
De luz, co'a lança — aspiração — em riste.

Então, no azul espaço illimitado,
Muito acima da terra e de seus montes,
Da lua pálida e do sol doirado,

Por outros ceus, mais largos horisontes,
Meu espirito vae, penetra, ousado,
Buscando o Amor em ignoradas fontes...

M. DUARTE D'ALMEIDA.

THEATROS

Nacional — De novo tivemos a visita de Italia Vitaliani. Mais uma vez a vimos, artista correcta, desempenhar todo esse repertorio, já por ella representado em Lisboa, cuja critica está de ha muito feita e que faz parte da bagagem de todas as celebridades femininas da scena.

Parece-nos que o temperamento de Vitaliani se adequa melhor

THEATRO DA AVENIDA



O tenor Gambôa que se estreiou na opereta «Flôr da Rua»

ao repertorio moderno, de maior sobriedade na declamação, mais rico, porém, em detalhes psicologicos, do que ao antigo, violento, exigindo folego e figura, e onde já nada de novo ha a fazer.

A *Dama das Camélias*, a *Fedora*, a *Tosca*, representadas por Vitaliani, deram-nos, sem duvida, o prazer de algumas horas de arte, mas que, por estafadas, pouco ou nada nos fizeram vibrar, o que já se não deu com a *Zizá*, por exemplo, em que, na verdade, Vitaliani foi grande, creou, arrancou novos effeitos, desconhecidas inflexões, porque sem duvida a psychologia da personagem se presta a imensos detalhes, que Vitaliani soube estudar com sublime arte. A nosso ver o repertorio de Vitaliani está errado, se bem que ella saiba sempre, senão vencer-nos, convencer-nos... E até á volta.

Republica — Um desfile de todo o repertorio, rico na verdade, com a sensação da *réprise* do *Marquez de Villemer*, que apesar de antigo, se saboreia ainda com prazer... E eis tudo, até á primeira do *Papá*.

Gymnasio — *A Visinha do Lado*, 4 actos de André Brun.

— A despeito de todas malquerenças, o novo original de André Brun, que subiu á scena sob uma atmosphera de desconfiança, triumphou em toda a linha, podendo afirmar-se, embora isso cause engulhos a muitos, que é modelar no genero e mais do que sufficiente para fazer a reputação de um auctor. Não nos consta que, no genero comico, haja no theatro portuguez peça onde melhor se observem todos os preceitos da technica theatral moderna: tempo, acção, traço das figuras, dialogo, tudo é tratado com um cuidado a que estamos pouco habituados e quasi sempre descuidado n'este genero de peças, cujo fim é fazer rir. O primeiro acto, sobretudo, passado n'um pátamar de escada, é modelar. Não ha uma figura que entre fóra de tempo ou que esteja em scena além dos limites do verisimil. As figuras episódicas optimamente observadas, e o dialogo, sobre motivos futeis, rico de colorido e de verdade, trabalhado com uma certa originalidade, vendo-se que mereceu o maior cuidado ao auctor.

O segundo acto cae um pouco mais na *pochade*, mas sem exageros, mantendo, inalteradas, todas as qualidades que acima apontamos. No terceiro acto merece referencia especial o dialogo entre os dois

velhos, de um comico irresistivel, ao mesmo tempo que de immensa naturalidade. Uma sombra de sentimentalismo prepassa pelo quarto acto, onde apenas achamos forçada a scena entre as duas raparigas, se bem que... — ha de tudo n'este mundo.

O desempenho digno da obra, o que nem sempre succede. Alegrim, Cardoso, Mendonça de Carvalho, nos papeis principaes, muito bem; da mesma maneira Adelia Pereira, Maria Mattos e Zulmira Miranda. Estreou-se uma nova actriz, Beatriz de Almeida, que mostrou disposição para a scena, dispondo de excellente voz e boa figura.

Avenida — *A Flôr da rua*, operetta em 3 actos de Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa e Fernando Moutinho.

— Pretenderam os auctores da *Flôr da rua*, segundo se espalhou por ahí, fazer um trabalho moldado nos processos das modernas operettas allemãs, com typos, porém, portuguezes. Assim, foram buscar toda a metralha já usada e caçada: o champagne, a walsa, etc., etc.; e, embora toda a peça se veja com agrado, mercê da facilidade do dialogo, que é gracioso, e das situações, por vezes originaes, parecemos comtudo inverisimil para o nosso meio... Mas, em boa verdade, inverisimeis são todas as operettas allemãs, e, portanto, dá certo.

A musica com reminiscencias de todas as partituras que por ahí andam, é graciosa, sem pretensão, sendo lamentavel que os auctores não mettessem n'aquelles tres actos um motivo, tenue que fosse, de musica nacional, para o que muito se prestaria a canção da *Flôr da rua*, que sendo uma creatura das viellas, nunca nos poderia cantar uma valsa ou uma romanza.

Como já dissemos, porém, no geral agrada e o desempenho é deveras notavel, principalmente por parte de José Ricardo, que enscenou a peça, Amarante, Santos Mello, Joaquim Silva e Gamboa que fez a sua estreia. Muito bem Etelvina Serra, Isaura e Accacia Reis. Córos afinados e scenario vistoso.

MANOEL RUY.

Salão Olympia

Concertos de Musica de Camara

O elegante salão animatographico da rua dos Condes, devido á intelligente direcção, que lhe tem sabido imprimir o sr. Leopoldo O'Donell, tem-se tornado o ponto obrigado de reunião da *élite* da sociedade lisbonense e o *rendez-vous* preferido pelos *dilettanti* apreciadores da boa musica, a divina arte dos sons.

E este resultado é devido ao fino criterio, que presidiu á escolha do grupo artistico, que constitue o sexteto do **Olympia**, formado por professores de merito comprovado, alguns dos quaes são verdadeiras notabilidades. São elles:

Laureano Forsini, 1.º violino; Carlos Quilez, violoncello; José Bo-

THEATRO DA AVENIDA — Flôr da Rua



Etelvina Serra e Almeida Cruz n'uma das scenas do 2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

net, piano; Pastrana, viola; Remartinez, 2.º violino e João Antonio, contra-baixo.

Pois estes eximios artistas realizaram hontem, sabbado, 15 do corrente, em *matinée*, o primeiro concerto de musica de camara, com um repertorio delineado com superior criterio, no qual figuram os trechos musicaes, mais celebrados, dos patriarchas dos compositores symphonicos, os geniaes: Bach, Schumann, Mozart, Schubert, Grieg, etc.

O programma d'este primeiro *recital*, ao qual se devem succeder mais cinco, todas em *matinée*, consta do quartetto 9 (Op. 59) de Beethoven; da sonata de Grieg (op. 45) em dó menor, para violino e piano e do quintetto de Schumann, para piano e instrumentos de corda.

D'estes concertos, suggestivamente artisticos, que devem obter o exito merecido, occupar-nos-hemos em occasião oportuna.

F. M.

Navegadores do seculo XVIII

As viagens de James Cook

EXCEPÇÃO feita de algumas ilhas do Oceano Pacifico e das terras circumpolares que ainda hoje se conservam impetraveis, no seculo XVIII estavam já descobertas todas as terras hoje conhecidas. O Atlantico, o Indico e a maior parte do Pacifico tinham sido já percorridos em todos os sentidos por portuguezes, hespanhoes e hollandezes que, todavia, com os processos de navegação e cartographia usados n'esse tempo, não poderam determinar com rigorosa exactidão nem a posição nem a configuração das terras descobertas. Essa tarefa estava reservada para os seculos XVIII e XIX, porque, então, já a sciencia fazia avançar os processos da determinação de longitudes e da representação das terras n'um planispherio para o rigor mathematico, e a essa tarefa se dedicaram com ardor a França e a Inglaterra, como se quizessem fazer-se perdoar o facto de terem assistido impassiveis, sem nada emprehenderem n'esse sentido, aos esforços empregados por nações mais pequenas, como Portugal, a Hespanha e a Hollanda, a primeira sobretudo, durante tres seculos, para alargarem o campo de actividade dos povos civilizados, abrindo á sua exploração novos paizes e trazendo ao seu convivio novos povos.

Com effeito foram numerosas no seculo XVIII as expedições maritimas, organisadas com o objectivo de completar os conhecimentos humanos na geographia e colher elementos de estudo oceanographico, quer directamente pelos governos francez e inglez, quer

indirectamente pelo auxilio prestado ás que nasceram da iniciativa particular.

D'entre todas distinguiram-se as do commando do capitão inglez James Cook, não só pela importancia do seu objectivo e dos

THEATRO DA AVENIDA — Flór da Rua



Etelvina Serra e José Ricardo

resultados obtidos, mas tambem um pouco pelo fim cruel e desastroso que teve o arrojado navegador.

James Cook era filho de gente pobre e foi marçano de mercaria. Sabia lèr e escrever, mas sabe Deus como. Um dia, encontrando-se a contemplar o mar, despertou-se-lhe no cerebro a scentelha da sua vocação, e eil-o embarcado aos doze annos de

THEATRO DA AVENIDA — Flór da Rua



O baile do 2.º acto

idade, como grumete a bordo d'um transporte de carvão; e como demonstrasse um extraordinario gosto pelo novo modo de vida e um raro temperamento de marinheiro, metteram-no na marinha de guerra, dedicando-se elle, desde então, com um affinco revelador da sua energica vontade, ao estudo da astronomia e da geometria.

SALÃO OLYMPIA



Leopoldo O Donell

Na campanha do Canadá serviu Cook, já como mestre, a bordo do *Mercury*, sendo pouco depois encarregado do levantamento hydrographico do rio de S. Lourenço e de algumas porções de costa da ilha da Terra Nova. E, tendo a Sociedade Real de Londres obtido que o governo enviase uma expedição scientifica aos mares do sul para observação da passagem de Venus pelo disco do Sol, foi o commando do navio confiado ao já então tenente James Cook o qual revelou n'essa campanha, fertil em resultados para a sciencia geographica, um perfeito temperamento de marinheiro, frio e impassivel perante o perigo, energico e duro na manutenção da disciplina, sobrio e soffredor paciente das maiores privações. Tendo partido em 1768, cruzou principalmente na parte sul do Oceano Pacifico. Explorou demoradamente as costas da Nova Zelandia, descobrindo que ella não era uma só ilha, como então se julgava, mas sim constituida por duas ilhas quasi eguaes, uma ao norte e outra ao sul, separadas por um canal que se ficou chamando de Cook, ficando tambem com este nome um elevado monte, de 4:100 metros de altura, que de muito longe se avista na ilha do sul. Explorou a costa da ilha Taiti, poetisada na descripção que d'ella fez em estylo encantador um illustre navegador francez, predecessor de Cook, Luiz Bougainville; deu ao archipelago de que essa ilha faz parte, o nome de ilhas da Sociedade; explorou o archipelago de Pomotú; descobriu um pouco ao sul das ilhas da Sociedade, um grupo de pequenas ilhas a que deu o seu nome, fez o levantamento hydrographico de mais de 600 leguas da costa meridional da Australia e voltou finalmente á Europa pelo Cabo da Boa Esperança, completando assim a viagem de circumnavegação na qual gastou mais de dois annos e durante a qual morreram, um grande numero de marinheiros e os membros mais importantes da commissão scientifica. Como recompensa foi promovido a *commander*.

Em 1772 partiu de novo para os mares do sul, commandando as fragatas *Resolution* e *Adventure*, encarregado de tornejear o pólo antartico, seguindo os parallelos mais meridionaes a que podesse chegar, em procura da grande terra austral cuja existencia se suspeitava. Seguiu pelo Cabo da Boa Esperança para oriente, explorou em todos os sentidos o oceano ao sul da Australia, depois, subindo um pouco para o norte, descobriu a leste d'este continente o archipelago da Nova Caledonia, voltou para o sul, chegou até ao parallelo dos 71 graus, descobriu a terra de Sandwich, a mais austral que encontrou, e regressou ao Cabo da Boa Esperança

pelo lado da America, completando a sua viagem de circumnavegação austral, tendo navegado 110:000 kilometros.

De regresso a Inglaterra foi promovido a *captain* (capitão de mar e guerra), tratado com muita consideração, muito aclamado pelo publico e nomeado director do hospital (1) de Greenwich.

Agitava-se, porém, n'aquelle tempo, com muita vivacidade, o problema da passagem atravez do continente americano, pelo noroeste, problema que no seculo XVI occasionara já o drama de dedicação fraternal dos illustres portuguezes, Cortes Reaes, chegando um d'elles, que foi a primeira victima dos gelos polares, até á entrada da enorme bahia que mais tarde recebeu o nome de Hudson; e para descobrir essa passagem partiu de novo Cook, em 1776, commandando as fragatas *Resolution* e *Discovery*. Cook, resolveu porém tentar o descobrimento pelo lado occidental do continente americano, isto é, em sentido opposto áquelle por onde até ali tinha sido procurada, e por isso navegou para o Atlantico sul, passou para o Pacifico e seguiu para o norte; descobriu o grupo de ilhas de Hawaii, hoje conhecidas pelo nome de ilhas Sandwich, e continuou para o norte em direcção ao estreito de Behring, que atravessou, estudando minuciosamente as particularidades das costas; seguiu ainda até ao parallelo dos 70 graus, mas teve que retroceder por não poder romper os gelos, que lhe offerciam uma barreira infranqueavel, correndo os seus navios sério risco de ficarem alli presos.

De volta para o sul tocou de novo nas ilhas Sandwich, onde se demorou para dar descanso ás suas tripulações.

Cook mantinha muito boas relações com os naturaes d'essas ilhas quando, um dia, estes, não podendo vencer a sua tendencia para a pilhagem, caracteristica de todos os indigenas das ilhas da Polynesia, roubaram um dos escaleres dos navios. Cook quiz castigar o attentado com intenção de lhes dar uma lição salutar; levantou-se discordia entre a sua gente e os indigenas, dispararam-se alguns tiros, mas os naturaes, em vez de se assustarem, carregaram em grande numero sobre os inglezes, que se viram forçados a procurar na fuga a salvação.

Cook foi, no meio da confusão que se seguiu, ferido por uma azagaia e cabiu.

Chamou pelos seus companheiros, mas estes, acossados de perto pelos naturaes, não puderam soccorrel-o.

Os indigenas acabaram de matar ás azagaiadas o grande navegador e alli mesmo o devoraram n'um diabolico festim, á vista dos seus companheiros consternados e horrorisados pelo tragico fim do seu valente capitão.

Se, quando determinou seguir a carreira maritima, na qual tanto illustrou o seu nome e tão relevantes serviços prestou á sciencia e á humanidade, Cook tivesse podido entrever o horror tragico do seu desastroso fim, talvez não tivesse abandonado a mercearia onde começou a sua lucta pela vida,

apesar das seducções empolgantes da gloria.

PENSAMENTOS

A vaidade obriga-nos a fazer muitas mais coisas contra a nossa inclinação que a razão.

ROCHEFOUCAULD.

A vaidade nas mulheres torna a mocidade criminosa, e a velhice ridicula.

MAD. DE FLAHANT.

A vaidade profissional é mais forte nos comediantes que todos os outros sentimentos, incluindo o amor.

JULES LEMAITRE.



O sextetto do Olympia